

# **ESCOLHA LIVRE DE TIPOS DIFERENTES DE MATERIAL ESCOLAR E ATIVIDADES: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA EM SALA DE AULA INFANTIL**

(2006)

**Ana Paula Martinez**

Psicóloga. Mestre em Educação Especial - Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, Brasil  
[anapama@hotmail.com](mailto:anapama@hotmail.com)

**Maria Stella Coutinho de Alcântara Gil**

Livre Docência em Educação. Docente do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos e do Programa de Pós Graduação em Educação Especial/UFSCar (Brasil)  
[stellagil@uol.com.br](mailto:stellagil@uol.com.br)

**Endereço para correspondência:**

Universidade Federal de São Carlos  
Centro de Educação e Ciências Humanas CECH  
Programa de Pós Graduação em Educação Especial  
Km 235 , da Via Washington Luiz  
Cep. 13565-905, São Carlos SP

---

## **RESUMO**

Uma lacuna na literatura são de estudos visando identificar preferências por materiais e atividades escolares e a relatividade destas preferências entre crianças, já que a maioria dos estudos sobre situações de escolha são realizados com indivíduos com necessidades educativas especiais. Os objetivos da dissertação de Martinez (2002) discutidos neste artigo foram; Identificar o que a disponibilidade de material gera em termos de comportamento nas crianças e verificar se existe um padrão de escolha por tipos de material escolar por faixa etária. Participaram deste estudo 58 crianças carentes, empregando o delineamento ABABC. Os resultados foram discutidos quanto a frequência de escolha. Em relação a frequência, constatou-se que é diferente para cada faixa etária. O material com maior número de escolhas para os participantes de quatro, cinco e sete anos foi a tinta guache e para a faixa etária de dois, três e seis anos a massa de modelar.

**Palavras-chave:** Material escolar, escolha livre, atividade escolar, criança

Uma lacuna na literatura são de estudos visando identificar preferências por materiais e atividades escolares e a relatividade destas preferências entre crianças do ensino regular e creches em situações de escolha livre, já que os estudos sobre escolha livre são realizados com indivíduos com necessidades educativas especiais, com o objetivo específico de identificar reforçadores para serem empregados em programas de ensino (eg. Roane, Vollmer, Ringdahl & Marcus, 1998; Ivanic & Bailey, 1996; Amari, Grace, & Fisher, 1995; Volmer, Marcus, & LeBlanc, 1994, Pace, Ivanic, Edwards, Iwata, & Page, 1985; Rotari, Fox, & Switzky, 1979).

Conhece-se muito pouco de comportamentos de crianças em situação de escolha livre, muito embora, estas situações sejam muito frequentes no cotidiano das creches, uma vez que as educadoras disponibilizam brinquedos e sucatas e deixam as crianças brincarem livremente nas situações não estruturadas. Neste contexto, ressalta-se a importância do adulto na pré escola e no ensino fundamental como o responsável pela escolha dos materiais escolares e atividades que serão desenvolvidas em sala de aula e como o responsável em gerar condições para que a criança possa escolher as atividades e materias preferidos. (Oliveira, 1990, Fonseca, 2003, Pontes, 2003; Machado, 2003; Abramovics e Kramer, 1995; Silveira e Abramovics, 2002; Martinez e Gil, 2002).

Muitos estudos com indivíduos especiais tiveram como objetivo identificar preferências entre estímulos, sem entretanto verificar o relativo efeito reforçador do estímulo numa relação funcional. Outros estudos empregam procedimentos para avaliar os efeitos reforçadores do estímulo, sem primeiro empregar um procedimento específico para predizer quais estímulos poderiam funcionar como reforçadores. Nas situações de intervenção em que se empregava um destes procedimentos, isto não era suficiente para identificar a preferência das crianças e nem predizer o valor relativo do reforço. Estudos também foram realizados para predizer o relativo efeito do reforço por Piazza, Fisher, Hagoplan, Bowman and Toole (1996). Neste estudo foram propostas categorias de preferência dos estímulos (alta, média e baixa) baseados em uma avaliação das escolhas dos estímulos e, posteriormente comparando os efeitos reforçadores destes estímulos a partir do paradigma de operantes concorrentes.

Um método empregado para identificar reforçadores era apresentar uma variedade de estímulos em pares e pedir ao indivíduo que escolhesse um estímulo em detrimento do outro, durante cada par de apresentação ou tentativa de apresentação de estímulo em uma condição variada na situação de escolha forçada ( eg. DeLeon & Iwata, 1996; Fisher et al, 1992). Outras investigações têm focalizado métodos para aumentar a efetividade do uso de reforçadores, tais como modificar operações estabelecedoras ( Vollmer & Iwata, 1991), empregar avaliação de reforçadores conduzida na pré-sessão ( Mason, McGee, Famer, Dougan, & Risley, 1989) e oferecimento individual de uma escolha entre várias opções de estímulos ( Fisher, Thompson, Piazza, Crosland, & Gorjen, 1997). Outro método que tem se mostrado funcional para medir a

efetividade do reforço é a apresentação dos estímulos reforçadores em condição variada. Egel (1980) avaliou os efeitos do reforçamento constante versus variado sobre o tempo entre respostas e o total de pressão à barra de 10 indivíduos com autismo .

Os estudos sobre preferência, são realizados geralmente com população de indivíduos com necessidades educativas especiais, Bowman, Piazza, Fisher, Hagoplan and Kogan, (1997), avaliaram a preferência por estímulos variados, porém de qualidade relativa ligeiramente inferior por acesso constante de estímulos com qualidade individualmente muito superior, usando um arranjo de operantes concorrentes, Isto é, vários reforçadores de qualidades inferiores competiram com um reforçador de maior qualidade e o reforçador de menor qualidade foi apresentado em um formato variado. Participaram deste estudo sete adolescentes entre 10 e 16 anos com diagnóstico de deficiência mental moderada ou profunda.

Um estudo desenvolvido por Piazza, Fisher, Hagoplan, Bowman and Toole (1997) pretendeu prever o relativo efeito do reforço, propondo categorias de preferência dos estímulos (alta, média e baixa preferência) baseado numa avaliação das escolhas dos estímulos e então comparando os efeitos reforçadores destes estímulos a partir do paradigma de operantes concorrentes. Participaram do experimento, quatro indivíduos do sexo masculino, admitidos em uma unidade especializada de um hospital para avaliação e tratamento de comportamentos destrutivos severos. A primeira avaliação foi chamada "Caregiver interview"; uma pessoa assumia o papel de cuidador e supervisor do cliente desde os primeiros dias de sua hospitalização e questionava a respeito de uma lista geral sobre possíveis reforçadores seguindo uma estrutura de entrevista chamada de Reinforcer Assessment for individuals with Severe Disabilities (RAISD) desenvolvido por Fisher, Piazza, Bowman e Amari (no prelo). O RAISD provia prompts para os "cuidadores" de acordo com as preferencias dos estímulos em relação aos seguintes domínios: visual, auditivo, olfativo, tátil, comestível e social. Os ajudadores perguntavam sobre os estímulos não somente para identificar preferencias específicas, mas para descrever as condições em que preferiam os estímulos. Ex.: Comer bolacha molhada no leite, leite com sucrilhos. No procedimento de avaliação da escolha (Fisher, 1992), cada estímulo da avaliação anterior foi pareado com os demais estímulos da lista. Os dois estímulos eram apresentados sucessivamente durante 5 segundos na frente do sujeito, que deveria apontar para o seu estímulo preferido. seguida os estímulos eram representados. Foi desenvolvido um procedimento para avaliação do reforço por Piazza, Fisher, Hagoplan, Bowman and Toole (1997). Consistia na comparação dos efeitos dos estímulos definidos como de alta, média e baixa preferência, baseados nos resultados da avaliação da escolha. Os estímulos foram definidos nas categorias de preferencia baseado em quão freqüentemente os sujeitos selecionaram cada estímulo durante a avaliação da escolha.

Neste âmbito educacional em creches, o papel do agente educativo e do professor no ensino fundamental são fundamentais para definir a escolha e o uso dos materiais escolares, e para planejar os arranjos no ambiente de sala de aula e as atividades que serão realizadas ( Gadella,

2003, Pontes, 2003, Rocha e Lula, 2003; Wiggers, 2003). O educador precisa ser sensível as contingências em sala de aula para que possa criar as condições de ensino e saber consequencia-la positivamente visando fortalecer comportamentos compatíveis com as situações de ensino. Gil (1990,1992). Ressalta que exatamente por ter estas condições em mãos, espera-se do mesmo, sensibilidade e permeabilidade àquilo que faz o aluno, tanto nas situações estruturadas de ensino, como nas situações de atividades livres. Considerando as preferências do aluno por materiais e atividades escolares, como base de suas decisões e ações, o educador poderá ampliar a esfera de influência do aluno naquilo que se faz em sala de aula.

Para verificar a preferência do aluno por materiais escolares e pelas atividades, é importante disponibilizar os mais diversos produtos escolares em situações de escolha livre, como aquelas situações que ocorrem nas creches, em que os agentes educativos disponibilizam brinquedos para as crianças brincarem livremente (Santos, 1996; Martinez,1990). Nestas condições se faz necessário observar o que ocorre com os comportamentos das crianças, o que elas escolhem quando podem decidir a sua atividade. Será que as escolhas são as mesmas quando a atividade em sala de aula é estruturada pelo professor ? Essas perguntas são algumas lacunas do conhecimento que necessitam ser investigadas.

Desta forma, o educador tem um papel essencial já que a ele cabe auxiliar o aluno; no entanto, o educador deve atentar para o tipo de auxílio que fornece. Ao defender a importância do educador no ensino Skinner (1972, p. 136), afirma que o mesmo "Deve induzir o aluno a agir, mas deve ser cuidadoso em como fazê-lo" porque "Faze-lo agir em uma dada ocasião pode interferir na probabilidade que aja da mesma maneira no futuro "o autor coloca o educador frente à necessidade de, ele próprio, ficar sob controle do que se faz na sala de aula.

Uma pesquisa desenvolvida por (Martinez e Gil, 2002) teve como um de seus objetivos identificar o que a disponibilidade de material gera em termos de comportamento nas crianças em situações de escolha livre e verificar se há um padrão de escolha por tipos de material escolar de acordo com a faixa etária das crianças. Participaram deste estudo 58 crianças de nível sócio econômico desfavorecido , sendo que 34 destas freqüentavam uma creche e 19 a primeira série de uma escola municipal. Esta pesquisa ocorreu com população de creche e ensino fundamental, considerando o carácter educacional destas instituições e a necessidade da prevenção primária com a população infantil, que segundo Mendes (2000), uma das sub-áreas da Educação Especial refere-se aos aspectos políticos e sociais e envolve a maneira como a sociedade procura equacionar e prevenir os problemas dos indivíduos que requerem recursos alternativos para aprender. Foi empregado o delineamento ABABC ou seja: na fase A ocorreram as situações de escolha livre, em que estava disponível os materiais escolares para participantes utilizarem livremente, na fase B a atividade de contar estórias em que a pesquisadora contava estória, e na fase C a situação de escolha livre em que ouvir estória era mais opção de estímulo disponível. Os materiais foram colocados no chão da sala forrado com jornal para os participantes do Jardim I e em meses para os demais participantes.. Foram dispostos os seguintes materiais: giz de cera de

maior espessura, guache, massa de modelar, caixa de lápis de cor estampado, caneta hidrocor, paper art (papel com espessura da cartolina), livro infantis para as crianças de do jardim II ao Maternal II. Foram utilizados brinquedos novos levados pela experimentadora e brinquedos usados em sala de aula no cotidiano da creche para os participantes do Jardim I. Para as crianças da primeira série do ensino fundamental não foi utilizado a massa de modelar. Os livro infantis e os brinquedos foram mudados a cada dia de forma a sempre ter material novo e material que o participante já conhecia. Ao lado do material também havia um rolo de papel higiênico e dois panos de prato. Os brinquedos usados na situação de escolha livre I foram : um urso de pelúcia grande; um urso de pelúcia médio; dois quadrados de borracha medindo aproximadamente 10cm de cada lado; dois carinhos de plástico; dois chocalhos; duas bonecas medindo 30cm de altura cada; dois telefones sem fio ,na ELI foram; dois aviõezinhos de plástico; um urso de pelúcia médio nunca usado anteriormente; uma boneca nova medindo 15cm de altura, na fase de ELII. foram: dois caminhões de plástico; dois Piões de madeira; e um chocalho. Os brinquedos da creche que estavam presentes e já eram conhecidos pelas crianças foram: os quadrados de borracha medindo aproximadamente 10cm de cada lado; os carinhos de plástico; os chocalhos; três bonecas; um telefone e um peão Nas situações de escolha livre todas as crianças, nas salas entre 4 e 9 anos, receberam a seguinte instrução: "*Nestas mesas caixa lápis de cor na caixinha ou soltos aqui, são os mesmos da caixinha; massa de modelar na caixinha ou solta, giz de cera na caixinha e aqui soltos, guache na caixinha e soltos e livros infantis, você pode pegar para levar para a sua carteira .Na cadeirinha ao lado têm folhas para vocês usarem, Pode pegar quantas vocês quiserem. Você pode escolher qualquer um para usar. Se você quiser mudar de material, primeiro devolva o que você pegou no lugar que retirou e depois escolha outro material.*"

Quanto ao procedimento de tratamento e análise de dados, as informações sobre as crianças e as respectivas escolhas foram transcritas em ordem cronológica de ocorrência na sessão. Os comportamentos de escolha dos estímulos foram registrados e analisados de acordo com a frequência do estímulo. Visando identificar o material preferido por cada criança nas três fases, foi elaborado um índice representado como  $\{S N_i x1/O_i\}$ . Sendo  $N$ , o número de escolha do material em cada sessão e,  $O$ , o número da ordem de escolha do material na sessão.. Por exemplo, a participante Rita, apresentou 3 escolhas de livro na ELI, na 6,7 e 9 escolha, 0 escolhas de livro em ELII, e 1 escolha de livro na terceira opção de escolha, em ELIII, para encontrar o índice de escolha pelo livro foi feito o seguinte cálculo- $\{ 3 x1/6x1/7x1/9 + 0 + 1x1/3= \}$ . Este índice foi comparado com os demais índices dos outros materiais e o material com índice foi definido como o material preferido pelo participante

Neste artigo, discutiremos parte dos resultados relacionados a frequência de escolha (Martinez. e Gil. 2002). Em seguida será disposta a Tabela com a distribuição de materiais com maior índice de escolha totalizado em todas as fases apresentados em ordem decrescente de escolha, do maior índice

**Tabela- 1-** Distribuição de materiais com maior índice de escolha totalizado em todas as fases apresentados em ordem decrescente de escolha, do maior índice (1) para o menor índice (9)

Faixa etária de 2 anos	Faixa etária de 3 anos	Faixa etária de 4 anos	Faixa etária de 5 anos	Faixa etária de 6 anos	Faixa etária de 7 anos	Posição
Caneta hidrocor	Massa de modelar	Guache	Guache	Massa de modelar	Guache	1+
Massa de modelar	Livro	Caneta hidrocor	Caneta hidrocor	caneta hidrocor	Caneta hidrocor	2
Livro	Caneta hidrocor	Massa de modelar	Massa de modelar	livro	Lápis de cor	3
Guache	Guache	Livro	Ouvir estória	giz de cera	giz de cera	4
Giz de cera	giz de cera	Lápis de cor	Livro	lápis de cor	livro	5
Lápis de cor	lápis de cor	giz de cera	Giz de cera	ouvir estória	ouvir estória	6
Brinquedo	ouvir estória	lápis de cor	Lápis de cor			7
Ouvir estória		ouvir estória				8
						9 -

O material com maior número de escolhas para os participantes de quatro, cinco e sete anos, a tinta guache e para a faixa etária de dois, três e seis anos a massa de modelar. O produto caneta hidrocor teve alto índice de escolha para todas as faixas etárias enquanto os produtos lápis de cor e giz de cera tiveram o menor número de escolha.

A média de escolha dos materiais de acordo com a sua faixa etária e discriminados nas fases do procedimento (ELI), (ELII) (ELIII) estão apresentados em tabelas.

**Tabela 2-** Relação das médias das escolhas de material para os participantes de 3 a 7 anos e brinquedo para as crianças de 2 anos durante as sessões de escolha

Idade	Média ELI	Média ELII	Média ELIII	Média total em ELI ELII e ELIII	Média de escolhas por sessão
2	8	7	7	21	7
3	11	9	12	33	11
4	5	7	9	21	7
5	13	10	9	33	11
6	8	4	5	18	6
7	8	8	5	21	7

Através dos dados constata-se que em situações de escolha livre quando o material está disponível, o comportamento de escolha ocorre entre as crianças da faixa etária de dois a oito anos. A média de escolhas total nas situações de escolha livre foi 18 escolhas para os participantes de 6 anos, de 21 escolhas para os participantes de 2, 4 e 7 anos e 33 escolhas para os participantes de 3 e 5 anos.

De acordo com os dados apresentados a média de comportamento de escolha diminuiu da fase ELI para ELII e da fase ELII para ELIII para a faixa etária de 5 a 7 anos. Para os participantes de 4 anos, houve um aumento de escolha na fase ELI para ELII e ELII para ELIII. Para os participantes

de 2 anos, houve uma tendência em permanecer o número de escolhas de ELI para ELIII. Já para os participantes de 3 anos, houve uma diminuição do número de escolhas de ELI para ELII e uma tendência a manter o mesmo número de escolhas de ELI para ELIII. Nota-se que na situação de ELIII, o contar estória como um dos estímulos disponíveis para a escolha, pode ter reduzido o número de escolha na sessão, uma vez que, ouvir pelo menos uma estória demorava aproximadamente 7 minutos. A escolha por livros também implica em um maior tempo de dedicação para folhear o livro.

Em relação as intervenções de contar estória entre as situações de escolha livre, verifica-se que houve uma alteração nas médias de escolha de material após as intervenções para a maioria dos participantes.

**Tabela 3-** Relação das medias de escolhas de livro nas fases de ELI, ELII e ouvir estória em ELIII de acordo com a faixa etária dos participantes.

Idade	ELI	ELII	ELIII	Ouvir estória
2	2	0,2	0,9	0
3	4	2	3	1
4	0,1	0,9	3	0,1
5	2	2	1	2
6	2	2	2	0,3
7	1	0,7	1	0,7

Constata-se na Tabela 3, que a média de comportamento de escolha de livro diminuiu da fase ELI para ELII e da fase ELI para ELIII e aumentou de ELII para ELIII para a faixa etária de 2 e 3 anos. Para os participantes de 4 anos, houve um aumento de escolha de livro da fase ELI para ELII e ELII para ELIII. Para os participantes de 5,6 e 7 anos, houve uma tendência em permanecer o número de escolhas de ELI para ELII e ELII para ELIII.

Os participantes de 6 e 7 anos de idade apresentaram uma porcentagem menor de escolha de livros nas fases, que pode ser explicado pelo fato destes participantes terem maior acesso a livros em sala de aula do que os participantes de 2 a 5 anos. As crianças na primeira série e no primário tem contato com livros infantis e livros didáticos, já que no primário as atividades de alfabetização iniciam com mais ênfase e na primeira série o processo de alfabetização deve ocorrer. Outro dado curioso é o alto índice de escolhas de ouvir estória para os participantes de 3, 5, 6, e 7 anos de idade. Para os participantes de 2 e 4 anos, as porcentagens foram as menores. Um fato ocorrido durante a intervenção de contar estória pode explicar estes resultados . e a intervenção de contar estória II para as crianças de 4 anos, três alunos não ficavam sentados na roda, atrapalhando que os demais enxergassem as gravuras do livro e conversavam alto, neste contexto. a professora gritou “Fiquem quietos e no lugar, obedeçam “. A pesquisadora duas vezes parou de contar a estória e chamando as crianças pelo nome fez perguntas sobre a estória como

exemplo Passando alguns minutos a professora outra vez interferiu na sessão chamando a atenção verbalmente “ Se vocês não pararem vão ficar de castigo e vou chamar a irmã Letícia.”, pegou um criança pelo braço e mudou sua posição na roda.

De acordo com os dados das tabelas, mesmo as crianças de 2 a 6 anos de idade que ainda não sabem ler, se interessaram pelos livros.

Nesta direção, justificar-se-iam propostas visando desenvolver condições de ensino que estimulassem o desenvolvimento global de crianças em situações de risco promovendo melhores condições para o desenvolvimento de suas aprendizagens e conseqüente inserção social. Dois estudos desenvolvidos em duas creches públicas que atendem famílias de baixa renda no Rio de Janeiro demonstraram a ineficiência das recreadoras em prover oportunidades para as crianças aprenderem e praticarem diferentes habilidades motoras e cognitivas. (Nunes, Araujo, Pereira, Nogueira, Martinez e Fernandes, 1992) e (Nunes, Araújo, Pereira, Nogueira, Martinez e Fernandes, 1992).

Na literatura são escassos os estudos sobre preferência de material escolar ou sobre o valor reforçador de produtos escolares com crianças sem déficit de aprendizagem ou problemas no desenvolvimento. Foram identificados poucos estudos com crianças normais em situação de escolha livre com materiais escolares e leitura (Oliveira, 1990, Santos, 1999, Hübner & Dias 2000; Fonseca 2003), mas a questão escolha livre e preferência por materiais escolares foram abordados apenas como um procedimento para estudar processos relacionados a leitura. Talvez os educadores e pesquisadores suponham que estas condições não são importantes para o processo de ensino–aprendizagem ou mesmo que estas situações livres não proporcionem aprendizagem. Santos (1996), desenvolveu um procedimento para a compreensão oral de leitura empregando uma situação de escolha livre de atividades como; jogar, pintar, desenhar, colar ou ler. Muitas vezes, estas situações de atividades livres não são consideradas educativas por não serem estruturadas, impostas e controladas pelos professores. As atividades que os alunos escolhem não são muito importantes para os educadores, por não serem atividades estruturadas e consideradas com o objetivo de aprendizagem, já que não fazem parte do currículo que o adulto construiu para introduzi-lo no seu mundo. (Cerisara, 2003, Pontes, 2003, Martinez e Gil, 2002; Abramowics, 1995 Kramer, 1995,1989). Temos que criar condições pedagógicas para garantir ao professor condições de ensino aprendizagem que valorize os arranjos nos ambientes de sala de aula, que disponibilize vários materiais e atividades ao mesmo tempo, que permita a criança criar e fantasiar o seu mundo, mesmo que seja “desconstruindo” as atividades que planejamos para elas e que muitas vezes representa uma imposição do cultura e dos valores dos adultos e que por esse determinante pode levar ao desinteresse das crianças pelas atividades e materiais escolares. Precisamos conhecer o que as crianças escolhem e fazem quando podem construir livremente seu mundo. Possivelmente iremos aprender muito como esta observação e tipo de intervenção.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICS, A; E KRAMER, S. (1991) O rei esta nú; um debate sobre a pré-escola. Em; Caderno Cedes, n 9, Campinas. SP. Papyrus, p 27-35

ABRAMOWICS, A. & WAJSHOP , G. (1996). Creches-atividades para crianças de zero a seis anos. São Paulo. Moderna

AMARI, A, GRACE, N.C. & FISHER, W.W. (1995). Achieving and maintaining compliance with the ketogenic diet. Journal of Applied Behavior Analysis, 28, 341-342.

ALMEIDA (1995). Jogos de papéis: um estudo sobre o jogo de faz de conta na criança com deficiência mental Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós Graduação em Educação Especial da UFSCAR

BOWMAN, L.C., PIAZZA, C.C., WAYNE, W., FISHER, L.P., KOGAN, J.S. (1997) Journal of Applied Behavior Analysis 30, 451-458

DELEON, I.G E IWATA, B. A. (1996) Evaluation of a multiple stimulus presentation format for assessing reinforcer preferences. Journal of Applied Behavior Analysis, 29, 519-532.

EGEL, A. L. (1980) The effects of constant vs. varied reinforcer presentation on responding by autistic children. Journal of Experimental Child Psychology, 30, 455-463.

EGEL, A. L. (1981) Reinforcer variation: implications for motivating developmentally disabled children. Journal of Applied Behavior Analysis, 14, 345-350.

FISHER, W.W; PIAZZA, C.C., BOWMAN, L.G. & AMARI, A. (1996). Integrating caregiver report with a systematic choice assessment to enhance reinforcer identification. American Journal on Mental Retardation, 101, 15-25..

FISHER, W.W; THOMPSON, R. H., PIAZZA, C.C., CROSLAND, K.A, GOTJEN D. (1997). On the relative reinforcing effects of choice and differential consequences. Journal of Applied Behavior Analysis, 30, 423-438..

CERISARA, ANA BEATRIZ (2002). Em Debate a Formação do Professor do Ensino Infantil. Mesa Redonda. MEN/NEEDOA6/UFSC. In; *Anais do II Encontro Nacional das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil*. (NDI) Núcleo de Desenvolvimento Infantil e Núcleo de Estudos de Educação de 0 a 6 anos, da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, p. 38-45.

FONSECA, MARIA LÚCIA SANTOS (2003) Adaptação Escolar; Como viver este momento. UEI, UFCG. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo)

KRAMER, S (1995). *A política do pré- escolar no brasil; a arte do disfarce*. SÃO Paulo. Cortez.

\_\_\_\_\_ *Com a pré- escola nas mãos. Uma alternativa curricular para a escola infantil*. São Paulo. Ática.

GIL, M.S.C.A (1990). Interação professor-aluno:um exercício de controles recíprocos. Tese de Doutorado Apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1992) Interação professor –aluno; um processo e seus produtos.Valinhos. Anais do I congresso de Psicologia Escolar.122-124.

GADELLA, VÂNIA (2003). Relato de Experiência; Meu Pé de Feijão na UAC. UFSCAr. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

HÚBNER, MARIA.M., DIAS, FÁTIMA C. (2000). Relações entre comportamento Verbal e não e não verbal ;Efeitos de modelagem de comportamento Verbal sobre leitura na escolha da atividade de ler. Anais do IV Congresso da ABPMC.

RAUPP, MARILENE DANDOLINI.(2002).*A Educação Infantil nas Universidades Federais; questões, dilemas e perspectivas*, Dissertação de Mestrado- Centro de Ciências da Educação da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis

MACHADO, ANA MARIA (2003). Livros Infantis como Pontes entre Gerações.Em *Revista Leitura*. Governo do Estado de São Paulo.Brasil.21(4),abr.p.36-47.

MACHADO, ANA MARIA (2002). Construindo Pontes entre Gerações.Palestra. In Congresso do Jubileu do International board on books for Yong People. Basel,setembro.(no prelo).

MARTINEZ, Ana Paula. (2002).Preferência por tipos diferentes de matérias escolares e atividades em situação de escolha livre entre crianças do maternal a primeira série do ensino fundamental. Tese de Mestrado. Programa de Pós Graduação em Educação Especial. UFSCAR. São Carlos. SP.

MARTINEZ, H, C, P. (1990) Relato de uma experiência de reativação de uma biblioteca escolar na periferia.Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos.

MARTINEZ, M., & TEALE, W. H. (1988) Reading in a Kindergarten classrom library. The Reading Teacher, 41(6), 568-573.

PONTES, GILVÂNIA M. D. (2003) Vivências teatrais na escola infantil. NEI (Núcleo de Educação Infantil), UFRN. In; *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos,(No prelo).

OLIVEIRA, Z.M.R.(1990). Jogo de linguagem ; pontos para uma reflexão a respeito do valor da interação social no desenvolvimento infantil. Paper apresentado na mesa redonda , do II Congresso Brasileiro de Brinquedo na Educação.. FEUSP,julho.

SANTOS, J. A (1996) Avaliação do interesse de leitura em alunos de 2 e 4 séries. Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Especial da UFSCar.

SILVEIRA, DÉBORA DE B.; ABRAMOWICS, ANETE (2002). A Apequenação das Crianças de Zero a Seis Anos: Um Estudo Sobre A Produção De Uma Prática Pedagógica. In; *Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Escola*. Organizado por Maria da Graça Nicoletti MizuKami, Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali. São Carlos. EDUFSCar, p 51-71.

SOARES, IVONE A S.; VARELLA, MARCIA P. F.; CARVALHO, MARIA I, V, (2002). *Associação dos Usuários da Creche da UFMG*. In; *Anais do II Encontro Nacional das Unidades Universitárias Federais de Educação Infantil*. (NDI) Núcleo de Desenvolvimento Infantil e Núcleo de Estudos de Educação de 0 a 6 anos, da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis.p173-185.

WIGGERS, VERENA (2003). Recriando o cotidiano da Educação infantil para a garantia dos critérios de qualidade.UFSC (Núcleo de Desenvolvimento Infantil). Em; Painel apresentado no *III Encontro Nacional das Unidades Universitárias de Educação Infantil*. UAC, Secretaria de assuntos Comunitários da Universidade Federal de São Carlos.

SKINNCR, B.F. (1969) Contingencies of Reinforcement a Theoretical Analysis. New York: AppIclon Century-Crofts